

---

## ENUNCIÇÃO

### Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

---

#### “Amor” - nas cercanias da linguagem

Glória Maria Ferreira Ribeiro\*

 <https://orcid.org/0000-000x-xxxx-xxxx>

Gilson Dionisio da Silva Junior\*

 <https://orcid.org/0000-000x-xxxx-xxxx>

**Resumo:** Pensar a relação entre Filosofia e Literatura implica em ser atravessado pela experiência da linguagem. Nesse atravessamento dá-se o seu dito que, segundo Heidegger (2003), é o poema. Em nosso artigo, o poema assume a forma do conto “Amor”, de Clarice Lispector. Trata-se, por conseguinte, de pensar a experiência da linguagem acontecendo no conto de Clarice e na Filosofia de Heidegger.

**Palavras-chave:** Linguagem; Experiência; Silêncio; Filosofia; Literatura.

**Abstract:** *Thinking about the relationship between Philosophy and Literature implies being crossed by the experience of language. In this crossing, the language speaker, according to Heidegger (2003), is the poem. In our article, the poem takes the form of the short story “Amor” by Clarice Lispector. It is, therefore, about thinking about the experience of language happening in Clarice's short story and in Heidegger's Philosophy.*

**Keywords:** *Language; experience; Silence Philosophy; Literature.*

---

\* Professora Titular do Departamento de filosofia e Métodos da Universidade Federal de São João del Rei. E-mail: gloriaribeiro@ufsj.edu.br.

\* Discente de graduação em Filosofia da Universidade Federal de São João del Rei, coautor do presente artigo. E-mail: gilsondionisio49@gmail.com.

## Introdução

Em maio de 1976, o jornalista José Castello realiza uma entrevista com Clarice Lispector, furando o bloqueio de silêncio a que a autora se impusera nas suas relações com a imprensa. Ao ouvir uma das perguntas – “Por que você escreve?” – a autora franze o rosto em desagrado e responde: “Por que você bebe água?”. Frente ao desconcerto do entrevistador, Clarice acrescenta com um riso de irritação: “Quer dizer que você bebe água para não morrer.”<sup>1</sup>

O nosso artigo tem como tema e problema o fenômeno da linguagem que mantém em suas cercanias a Filosofia e a literatura. Ambas são o que são, em virtude dessa proximidade. Assim, para delas nos achegar é que escolhemos, por um lado, uma palestra proferida por Martin Heidegger pela primeira vez em 7 de outubro de 1950, intitulada “A linguagem”<sup>2</sup>, por outro, um conto de Clarice Lispector chamado “Amor”, publicado em 1960<sup>3</sup>. Não se trata propriamente de interpretar um texto de literatura através de “conceitos filosóficos”, ou o inverso, explicar a Filosofia através do exemplo da literatura. Trata-se, antes, de tentarmos compreender a experiência da linguagem que se verifica nesses dois textos.

Fazer uma experiência com a linguagem significa, portanto: deixarmo-nos tocar propriamente pela reivindicação da linguagem, a ela nos entregando e com ela nos harmonizando. Se é verdade que o homem, quer o saiba ou não, encontra na linguagem a morada própria de sua presença, então uma experiência que façamos com a linguagem haverá de nos tocar na articulação mais íntima de nossa presença. Nós, que falamos a linguagem, podemos nos transformar com essas experiências, da noite para o dia ou com o tempo. Mas talvez fazer uma experiência com a linguagem seja algo grande demais para nós, homens de hoje, mesmo quando essa experiência só chega ao ponto de nos tornar por uma primeira vez atentos para a nossa relação com a linguagem e partir daí permanecermos compenetrados nessa relação<sup>4</sup>

---

1 ROSENBAUM, Yudith. “No território das pulsões”. IN: *Cadernos de Literatura Brasileira-Clarice Lispector*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004, p. 216.

2 A palestra “A linguagem” foi proferida em memória de Max Kommerell. A primeira vez em 7 de outubro de 1950, em Bühlerhöhe, e a segunda vez em 14 de fevereiro de 1951, na Sociedade de amigos da biblioteca de Württemberg, em Stuttgart. Essa palestra, com outros cinco textos do autor (“A linguagem na poesia”, “De uma conversa sobre a linguagem”, “A essência da Linguagem”, “A palavra” e o texto “Caminho para a linguagem”), compõe o livro intitulado *A caminho da Linguagem*, publicado pela Editora Vozes.

3 O conto “Amor” integra o livro *Laços de família*, publicado em 1960.

4 HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 121.

Enquanto existente da linguagem, o homem encontra-se sob a sua tutela, está sempre a falar, está sempre na linguagem. Mas,

Se devemos buscar a fala da linguagem no que se diz, fariamos bem em encontrar um dito que se diz genuinamente e não um dito qualquer, escolhido de qualquer modo. Dizer genuinamente é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. O que diz genuinamente é o poema<sup>5</sup>.

Mas, na prosa também fala a linguagem: "Prosa, em sentido puro, nunca é 'prosaica'. A prosa é tão poética e, por isso, tão rara como a poesia"<sup>6</sup>. Para nós, esse dito inaugural se revela na prosa de Clarice Lispector; se revela na sua incansável busca pela palavra, não a dela, mas a da linguagem, que em seus contos e romances ganha corpo e voz. Cada personagem revelada na escrita de Lispector encarna a experiência da linguagem.

Sua grandeza inegável, um dos lances importantes do processo de alçar a literatura brasileira ao patamar de uma "grande literatura", está em transformar em literatura a narrativa da destituição da literatura como experiência nua"<sup>7</sup>.

Nos escritos de Lispector observa-se o que Heidegger entende por uma "reivindicação da linguagem"<sup>8</sup>. Ou seja, nesses escritos está em jogo uma experiência radical com a linguagem. Ao nos determos na narrativa que compõe o seu livro *Paixão segundo G.H.*, na qual a personagem principal vê o seu cotidiano "ruir" diante do encontro com uma barata que a lança em uma busca incansável do que existe de indizível na linguagem, ou seja: uma busca pela palavra genuína que se despe dos modos em que é usada no nosso dia-a-dia, encontramos a exigência de uma palavra na qual se dá a própria abertura de uma existência.

---

5 *Ibidem*, p. 12.

6 *Ibidem*, p. 24.

7 PENNA, João Camilo. *O nu de Clarice Lispector*. Alea Volume 12 Número 1 Janeiro- Junho 2010, p. 91.

8 HEIDEGGER, Martin. *Op.cit.*, p 121.

... estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra?<sup>9</sup>

Essa procura que move a personagem/narradora da obra é que a conduz a uma experiência com a linguagem. Experiência que se abre na forma de uma hierofania<sup>10</sup>; sendo que essa manifestação do sagrado assume a forma de uma barata, um pequeno inseto, diante do qual ela sente nojo, repulsa. É esse encontro que revela um mundo novo para a narradora; mundo no qual as palavras antigas não fazem mais sentido porque é outra a existência que se revela e, por conseguinte, outras palavras deverão ganhar lugar. “Estou adiando. Sei que tudo o que estou falando é só para adiar – adiar o momento em que terei que começar a dizer, sabendo que nada mais me resta a dizer. Estou adiando o meu silêncio. A vida toda adiei o silêncio? mas agora, por desprezo pela palavra, talvez enfim eu possa começar a falar.”<sup>11</sup>. Na abertura propiciada pela linguagem, a própria existência cotidiana da personagem é colocada em xeque – e, com ela, a própria linguagem cotidiana. Essa linguagem fracassa frente ao indizível do qual a sua existência provém. O assassinato da pequena barata deixa de ser uma ação insignificante e se transforma em uma potente ligação da personagem com a dimensão mais própria de sua existência, levando-a a questionar se as palavras empregadas durante toda sua vida foram e são necessariamente as certas. Nessa revelação que a morte da barata promove, G. H. se encontra com o silêncio, com o indizível.

---

9 LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 9.

10 “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas as mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”” (ELIADE, 1992, p. 13).

11 LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 20.

A realidade a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu<sup>12</sup>.

É verdade que não nos debruçaremos sobre *A paixão segundo G.H.*, mas, como já foi dito, sobre o conto “Amor”. Entretanto, é sobre a mesma experiência com a linguagem que lidaremos. Isso porque Lispector, em sua prosa, assume a sua existência como escritora, como a própria expressão da linguagem. Assim é que a sua escrita mergulha no que existe de mais radical na linguagem. Em “Amor”, a hierofania se dará no encontro entre a personagem principal e um cego. Compreender como o dito da linguagem aí acontece, é o que nos interessa.

Mas o que é essa linguagem que nos concede existência? E quem é o poeta, responsável pelo seu dizer?

## 1. A linguagem e o poeta

“A linguagem fala!” Essa frase, pronunciada por Heidegger na palestra de 1950, causa uma profunda estranheza para quem a ouve ou lê, porque, afinal, tornou-se consabido no Ocidente que o homem é o animal que fala. A linguagem, por conta disso, seria apenas uma propriedade sua. Contudo, a fala de Heidegger parece inverter essa relação. Para ele,

Quando a atenção se volta exclusivamente para a fala humana, quando se toma a fala humana como emissão sonora da interioridade humana, quando se considera essa representação da fala como a própria linguagem, a essência da linguagem só consegue manifestar-se como expressão e atividade do homem. Como fala dos mortais, a fala humana nunca repousa, porém, em si mesma. O falar dos mortais repousa na relação com o falar da linguagem.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 176.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, Martin. *Op.cit.*, p. 24.

Estar na experiência da linguagem é estar no exercício de uma existência. Por isso, nesse tipo de existência, conferida pela linguagem, as coisas e o homem não ganham significados que expliquem as suas funções dentro da frase ou discurso, por exemplo. Há apenas o descobrir-se de um modo de ser e existir no mundo. Mas que modo é esse? É o modo de ser dos mortais, conforme nos diz Heidegger. Mortal é como o homem se compreende face aos deuses que nunca declinam, face aos deuses “sempre vivos”<sup>14</sup>. Mas, o que é a morte? Como ela “define” o vivente humano?

A morte se mostra para o homem como o limite intransponível que define os seus dias de vivente sobre a terra. Ser mortal, aqui, não se refere ao fato de o homem poder biologicamente morrer – e que, por não saber quando essa morte se dará, ela se mostra sempre como uma ameaça iminente. Ou melhor: o homem é finito não porque tem a morte biológica como uma certeza, mas porque ele é o “ser capaz da morte como morte”<sup>15</sup>. Em cada gesto do seu cotidiano, ela a antecipa; em cada declínio de uma ação, de uma ocupação com o seu mundo, a antecipação da morte se instaura. Nessa antecipação, ele dela tem a experiência. Assim, todas as suas ações são finitas. A morte que define o homem em sua finitude é o fenômeno que cotidianamente o lança no abismo insondável do ser. “Na morte recolhe-se o encobrimento mais elevado do ser. A morte já ultrapassou todo morrer”<sup>16</sup>. Esse encobrimento do ser, que na morte se recolhe, se mostra na superfície do mundo no qual se dão os homens e as coisas. Por não possuir um fundamento (estático, permanente, etc.) que o justifique, o existente humano se mostra sem por que, nem para quê: é “bicho solto no mundo”, lançado nas possibilidades de ser que se concretizam na sua lida com as coisas e com os outros – lida sempre fadada ao declínio. Lida, ocupação que se torna possível pela linguagem, porque é a linguagem que concede existência a tudo o que é. Por isso, nos diz Heidegger: porque “nenhuma coisa é (existe) onde falta a palavra. Onde falta alguma coisa, há interrupção, ruptura, rompimento. Interromper uma coisa é retirar dela alguma coisa, é deixá-la falhar. Faltar significa falhar. Onde a palavra falha, não há coisa. A palavra disponível é que confere ser à coisa”<sup>17</sup>. Isso mostra a força da linguagem,

---

14 HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 105.

15 HEIDEGGER, Martin. ... *Poeticamente o homem habita*...Petrópolis: Vozes, 2002, p.103.

16 HEIDEGGER, Martin. *Op. cit.*, p. 17.

17 *Ibidem*, p 174.

que é a de trazer à tona, tornar “visível” o mundo em que se dá a existência, bem como a existência exercida.

A linguagem pertence, em todo caso, à vizinhança mais próxima do humano. A linguagem encontra-se por toda parte. Não é, portanto, de admirar que, tão logo o homem faça uma ideia do que se acha ao seu redor, ele encontre imediatamente também a linguagem, de maneira a determiná-la numa perspectiva condizente com o que a partir dela se mostra.<sup>18</sup>

No texto de 1958, intitulado “A palavra”, Heidegger faz uma análise de um poema de Stefan George, de mesmo nome<sup>19</sup> (datado do ano de 1919), poema no qual é descrita a experiência que o poeta tem da linguagem. Nela, o poeta é transpassado pelo dito da linguagem na qual se dá “a saga de um dizer”<sup>20</sup>. Segundo Heidegger “Saga, *sagen*, significa mostrar, deixar aparecer, liberar clareando-encobrendo, ou seja, propiciando o que chamamos mundo”<sup>21</sup>. E, ainda nos diz: “A saga anuncia a proveniência da palavra”<sup>22</sup>. A saga do dizer poético revela o mundo que a ele, poeta, é concedido pela linguagem, expondo, nessa saga, a condição que o qualifica como poeta, qual seja: a de ser o guardião da linguagem. A guarda, o guardar da linguagem não significa ter a posse dela; tampouco, ser dela o criador. Nas palavras de Antônio Cícero, o poeta, ao guardar a palavra, ou, se se quer, o poema, deve expor-se. “Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema: Para guardá-lo:/ Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:/Guarde o que quer que guarda um poema:/ Por isso o lance do poema:/Por guardar-se o que se quer guardar”<sup>23</sup>. Para ser o guardião da linguagem é necessário reafirmar a condição humana de ser e estar na linguagem. Ser guardião da palavra (ser poeta) é estar na experiência da linguagem, sendo por ela transpassado; transpassado pelo

---

18 *Ibidem*, p. 07.

19 *A Palavra* “Milagre da distância e da quimera/ Trouxe para a margem de minha terra / Na dureza até a cinzenta norna/ Encontrei o nome em sua fonte-borda -/ Podendo nisso prendê-lo com peso e decisão/ Agora ele brota e brilha na região.../ Outrora eu ansiava por boa travessia/ Com uma jóia delicada e rica/ Depois de longa procura, ela me dá a notícia:/ ‘Assim aqui nada repousa sobre razão profunda’/ Nisso de minhas mãos escapou/ E minha terra nunca um tesouro encontrou.../ Triste assim eu aprendi a renunciar:/ Nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar.” (HEIDEGGER, 2003, p. 174).

20 HEIDEGGER, Martin. *Ser e Verdade. 1-A questão fundamental da filosofia 2 – Da essência da verdade*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 176.

21 HEIDEGGER, Martin. *Op.cit.*, 2003, p. 157.

22 *Ibidem*, p. 186.

23 CICERO, Antônio. *Guardar: poemas escolhidos*. 3º ed. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 11.

âmbito do indizível no qual toda palavra se torna possível. "Outrora eu ansiava por uma boa travessia/ como uma joia delicada e rica"<sup>24</sup>. Nesses versos de Stefan George se ratifica a posição do poeta como guardião da palavra. E, como vimos, ele guarda a palavra do poema à medida exata que a expõe no seu canto - e, nessa exposição, a sua própria existência como poeta se faz.

Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual pode ou não acontecer que, a partir desse âmbito, a linguagem nos confie o seu modo de ser, a sua essência. Entregamos a fala à linguagem. Não queremos fundamentar a linguagem com base em outra coisa do que ela mesma nem esclarecer outras coisas através da linguagem<sup>25</sup>.

O poeta fala a fala da linguagem quando a sua existência se consuma no dito poético; quando ele, no exercício de sua existência de poeta (de criador) tematiza, nesse exercício, a própria experiência da linguagem. Experiência que, ao se dar, acaba por colocar em xeque a linguagem tradicionalmente compreendida e que se mantém na esfera da comunicação. É sobre essa experiência de expatriamento da linguagem como comunicação que nos fala Lispector em *Paixão segundo G.H.* Toda a trajetória da personagem é a descrição desse expatriamento. Retomando a citação feita na introdução desse artigo, teríamos que:

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu<sup>26</sup>.

O indizível se revela como a dimensão do silêncio no âmbito do qual se descoisifica o mundo em que todos os significados, com os quais cotidianamente dá-se a nossa ocupação com as coisas, se calam, em um silêncio no qual até mesmo os nossos comportamentos se recolhem à dimensão mais própria de ser.

---

24 HEIDEGGER, Martin. *Op.cit.*, 2003, p. 177.

25 *Ibidem*, p. 9.

26 LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 176.

## 2. “Amor”

A linguagem em Clarice Lispector não possui “o caráter figurativo e simbólico da linguagem”<sup>27</sup>, mas, para nós, expressa a experiência da linguagem que, mais do que descobrir significado para as coisas, concede-lhes existência. Essa experiência é descrita em “Amor”, conto publicado em 1960, em “Laços de família”. Esse conto de Lispector expressa a fala em seu dizer essencial. Segundo Heidegger:

Mas onde a linguagem como linguagem vem à palavra? Raramente, lá onde não encontramos a palavra certa para dizer o que nos concerne, o que nos provoca, oprime ou entusiasma. Nesse momento, ficamos sem dizer o que queríamos dizer e assim, sem nos darmos bem conta, a própria linguagem nos toca, muito de longe, por instantes e fugidamente, com o seu vigor<sup>28</sup>.

O conto “Amor” descreve a vida de uma dona de casa, “Ana” é seu nome. Ela ocupa-se com o marido e os filhos. A casa e todo o universo que a compõe tecem uma delicada teia de relações que mantém Ana “respirando”, vivendo sob a superfície do mundo. Mas a luz que permite o abrir-se dessa superfície e seu espriar-se se torna perigosa para ela. Ana não suporta estar entre o amanhecer – que traz com ele as ocupações que “desenham”, “definem”, com a sua luz, a função de cada um e de cada coisa – e o anoitecer, que prenuncia um novo dia. A tarde traz o perigo que ameaça a existência regrada de Ana, o perigo de que se desfça a tênue teia em que se sustenta a sua existência.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do

---

27 HEIDEGGER, Martin. *Op.cit.*, 2003, p. 11.

28 *Ibidem*, p. 123.

mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.<sup>29</sup>

Nessa hora, a “hora mais perigosa da tarde”, na qual sentia a sua existência ameaçada, ela buscava obstinadamente ocupação. Ocupava-se de forma a manter-se na superfície do mundo que lhe trazia consolo, mundo organizado e pleno de presença. Impossível deixar o vazio torna-se pleno nessa hora do dia porque esse vazio, de certa forma, a espantava. O espanto nascia diante dessa realidade organizada e limpa: “Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido”<sup>30</sup>. Assim, era preciso se ocupar para não dar lugar ao vazio que se abria diante do fato de as coisas e os outros não mais precisarem dela; era preciso se ocupar para não dar espaço para o espanto. Esse vazio que a espantava lhe negava a sua existência imediata, lhe negava os afazeres com a família e a casa. Isso porque

No verbo “esvaziar” fala o “reunir” no sentido original de reunir, que vigora no local. Esvaziar o copo significa reuni-lo como recipiente em sua liberação. Esvaziar as frutas coletadas em uma cesta significa: organizar aquele lugar para elas. O vazio não é “nada”. Nem é uma falta<sup>31</sup>.

Para Ana, a presença desse vazio, enquanto o preparo do lugar que deverá ocupar novamente a sua existência, lhe espantava porque há nele uma espécie de estranhamento que não lhe permitia refugiar-se no que havia de familiar em seu cotidiano – ou seja, a casa, o marido, os filhos. Nesse espanto era como se ela fosse expatriada de uma existência que ela escolhera e que mantinha em “rédea curta.” Por isso, nenhuma ternura é possível, o

---

29 LISPECTOR, Clarice. “Amor”. In: *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 146.

30 *Ibidem*, p. 146.

31 “En el verbo “vaciar” habla el “reunir” en el sentido originario de la congregación, que reina en el sitio. Vaciar el vaso significa: reunirlo como continente en su liberación. Vaciar en un cesto las frutas recogidas significa: disponerles ese sitio. El vacío no es 'nada'. Tampoco es una carencia” (HEIDEGGER, 2016, p. 152). Martín Heidegger, 27 November, 2016. Universidad de Chile. Facultad de Filosofía y Humanidades.

espanto abre a porta para o perigo que a tarde traz: o perigo de que a sua existência se desfça.

O conto se concentra em um destes momentos de fuga dessa “hora perigosa da tarde”<sup>32</sup>. A rua, as compras, o bonde; a tentativa de ater-se ao seu mundo de afazeres intermináveis. O bonde cheio de cotidiano, de preocupações e ocupações que tecem a trama do dia a dia da personagem torna-se o lugar de encontro com o perigo que a ameaça. Sentada, retornando para a tranquilidade do seu cotidiano de esposa e mãe, ela pega o bonde em direção ao Humaitá. O perigo assume as feições de um cego parado, imperturbável em sua cegueira. “O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicletes”<sup>33</sup>. O movimento de vai e vem da goma, na escuridão da boca do cego, parece “puxar” a linha com que é tecido o mundo de Ana, causando uma sensação de desconforto que se apodera de seu corpo. Desfaz-se a tessitura do mundo e esvai-se todo o conhecimento que pretensamente possuía acerca das coisas e dos homens; esvai-se assim como “as gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede”<sup>34</sup> da sacola que ela tricotara.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite — tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea<sup>35</sup> doce, até a boca<sup>36</sup>. (LISPECTOR, 2016, p. 149)

---

32 LISPECTOR, Clarice. “Amor”. In: *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 146.

33 *Ibidem*, p. 147.

34 *Ibidem*, p. 148.

35 Em um dos seus ensaios sobre a obra de Clarice Lispector, intitulado *A náusea*, Benedito Nunes nos fala da inserção de Lispector no âmbito das filosofias da existência. Ele analisa o fenômeno da náusea presente na obra da autora e o analisa tendo como referencial teórico Sartre e Heidegger. Dentre os exemplos citados, temos o primeiro deles a personagem de Ana, em “Amor”. Segundo Nunes: “A *náusea*, que Sartre descreve em *A náusea*, é a forma emocional violenta da angústia, que arrebatava o corpo, manifestando-se como uma reação orgânica definida. Quando nos sentimos existindo, em confronto solitário com nossa própria existência, sem a familiaridade do cotidiano e a proteção das formas habituais da linguagem, quando percebemos ainda a irremediável contingência, ameaçada pelo Nada, dessa existência, é que estamos sob o domínio da angústia, sentimento específico e raro, que nos dá uma compreensão preliminar do Ser. Foi esse o sentido que Heidegger emprestou à angústia, ao descrevê-la em *Ser e Tempo*, com a terminologia da analítica existencial. Mostra-nos o filósofo alemão o quanto tal sentimento, de alcance metafísico difere do medo. Tem-se medo de algo definido, de um ser particular (intramundano); tem-se angústia sem saber de quê. É que o objeto dessa é o *ser-no-mundo*, a existência humana instantaneamente revelada, numa penosa experiência

Suas compras e toda a tranquilidade de seu mundo se esparramam pelo chão do bonde. A claridade do seu mundo é invadida pela escuridão do olhar arregalado e vazio do cego que masca goma. “Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas na rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão — e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir.”<sup>37</sup>

A cegueira e a escuridão são temas recorrentes na obra de Clarice Lispector<sup>38</sup>. Na Grécia Antiga o poder da vidência era muitas vezes associado à cegueira. Tirésias, o vidente que, em Édipo rei, vê quem de fato é o assassino de Laios, que Tebas acoberta, vê sobre a superfície, sobre a aparência do governante justo, o assassino do rei.

Tirésias, o cego-vidente. Interessa sublinhar nesta figura o que nela se reclama, como na Pitonisa, do modo de apreender o conhecimento humano, combinando um assustador poder de vidência com uma cega impotência onde esbarram os limites desse mesmo saber.<sup>39</sup>

O saber, que assim é conferido ao vidente em sua cegueira, abre as dimensões daquilo que se oculta sob a superfície calma do mundo, trazendo (aquilo que aí se encontrava ausente) à luz da presença.

O vidente é aquele que já viu o todo do que está presente no seu estar-presente; dito em latim *vidit*; em alemão: *erstehtim Wissen* [“ele está no saber”]. Ter visto é a essência [*Wessen*] do saber. No ter visto, sempre já entrou em jogo uma outra coisa diferente da execução de um processo óptico. No ter visto, a relação com o-que-está-presente é anterior a todo tipo de apreensão sensível e não-sensível. É a partir daí [dessa relação anterior] que o ter visto está relacionado com o estar presente que clareia.<sup>40</sup>

---

de isolamento metafísico, como a que Pascal realizou e exprimiu. Isolamento essencial e paradoxal! Pode o homem através da angústia, encontrar a sua realidade de ser existente; mas é para escapar da angústia que ele se refugia no cotidiano, onde, protegido por uma crosta de palavras, por interesses fugidios e limitados, que não o satisfazem completamente e apenas disfarçam o cuidado (*Sorge*) em que vive, passa a existir de modo público e impessoal.” (NUNES, 1969, p.94-95).

36 LISPECTOR, Clarice. “Amor”. In: *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 149.

37 *Ibidem*, pp. 148-149.

38 Cf. SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector – Figuras da Escrita*. Minho: Universidade do Minho/ Centro de estudos humanísticos, 2000.

39 *Ibidem*, p. 222.

40 HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, pp. 406-407.

O saber oriundo da vidência revela uma dimensão que não se mostra para o homem do cotidiano – que se encontra preso naquilo que se mostra em seus comportamentos e ocupações. O vidente encontra-se numa dimensão de todo alheia ao cotidiano de nossas ações e, por conseguinte, encontra-se alheio “a todo tipo de apreensão sensível e não-sensível”<sup>41</sup>. O que ele vê ultrapassa a dimensão tanto do sensível, quanto do inteligível. O saber revelado ao vidente encontra-se na dimensão mais radical do ser. Ou, na fala de Heidegger: “O ver [do vidente] não se determina a partir do olho, mas sim a partir da clareira do ser”<sup>42</sup>. O vidente vê a partir do elemento inaugural de toda existência, isto é, do ser.

Em “Amor”, o cego desperta em Ana uma dimensão desconhecida e apenas presentida na “hora mais perigosa do dia”. O movimento da boca que mastiga a goma e a fixidez dos olhos do cego abrem a dimensão da escuridão na qual se dissipam todos os limites e que a tudo iguala. João Camilo Penna, em seu artigo “O nu de Clarice Lispector”, ao analisar a relação entre James Joyce, em *O retrato do artista enquanto jovem* e Lispector em *Perto do coração selvagem*, analisa a frase “Tudo é um” pronunciada por Joana, protagonista desse escrito de Lispector:

A revelação da verdade do mundo se encontra na rede de ligações que entrelaçam as coisas num conjunto único, o ponto enigmático de sua “confusão”. A fórmula ontológica enunciada com simplicidade e rigor pela autora aos vinte anos consiste no sentimento de que as coisas remetem a algo que não é propriamente elas, mas à ligação, ao enlaçamento que as liga. A densidade filosófica da frase “tudo é um”, a única proposição ontológica, longamente analisada pela narradora, consiste em descobrir um ponto radicalmente não hierárquico de nivelamento de tudo o que existe, que iguala o mais pequeno ao mais grande, a partir do enquadramento único que revela a aparência das coisas sem distinguir-se destas mesmas aparências [...] Não se trata mais de colher a beleza do mundo em sua encarnação material, mas de perscrutar a rede imaterial na qual a matéria das coisas se dissolve e se resolve.<sup>43</sup>

Para nós, a afirmação de Joana se mostra consanguínea à experiência que transpassa Ana ao ver o cego – experiência do ser que se mantém pulsando na superfície das coisas; do ser que unifica tudo o que é. Ser, cuja morada, nos diz Heidegger, é a linguagem. E é a

---

41 *Ibidem*, p. 406.

42 *Ibidem*, p. 407.

43 PENNA, João Camilo. *O nu de Clarice Lispector*. Alea, Volume 12, Número 1, Janeiro-Junho 2010, p. 76.

linguagem o fenômeno que se faz o tema dos escritos de Lispector; linguagem que sempre se “ausenta” da existência que ela mesma propicia. Na busca da experiência radical da linguagem, Lispector se confronta sempre com o que existe de indizível no mundo e que, vez por outra, se deixa entrever quase na forma de uma hierofania<sup>44</sup>. O cego é o elemento revelador desse indizível.

Por fim, não se esqueça de que a cegueira se associa sempre a uma dada iluminação partindo da visão parcelar que temos das coisas. Só temos uma visão fragmentada, só vemos microscopicamente, jamais podemos ver um corpo na sua totalidade. Olhamos para um dedo, ou para um olho, e quando nos aproximamos deixamos de ver o dedo, o olho: vemos outra coisa, um tecido; assim é o texto de Clarice<sup>45</sup>.

A visão do cego e o que ela revela, retira Ana do eixo do cotidiano. Tudo o que era familiar, todas as certezas que a conduziam em sua lida com o mundo, assumem um aspecto de estranheza. Desconcertada, desce do bonde, e desnorteada erra pelas ruas até localizar-se. À frente, alguns passos adiante, um lugar conhecido: o jardim Botânico. Entra e senta-se.

...o silêncio estático (e extático) do Jardim e do gato. É preciso que algo deixe de se movimentar para que outro modo de existência venha à tona. Quando Ana salta do bonde como ‘no meio da noite’ e atravessa às cegas os portões do Jardim Botânico, um novo e pulsante mundo vivo se apresenta aos seus sentidos.<sup>46</sup>

O imenso jardim revela o silêncio do mundo, que insistia em se fazer ouvir no vazio que se interpunha entre ela e a existência tranquila e controlada que escolhera. O Jardim é pleno e prenhe de presença, cheio de sons, ruídos, animais silvestres. Tudo se encontra recolhido naquele lugar, que nessa recolha se mostra como “lugar nenhum” porque tudo nele se encontra concentrado. “O que Ana vivencia no Jardim é o espaço interconectado entre sujeito e coisas, seres e mundo, eliminando assim as divisas que separam os entes e

---

44 É o caso da barata em *Paixão segundo G.H.*, cujo aparecimento revela-se como um acontecimento sagrado.

45 SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector – Figuras da Escrita*. Minho: Universidade do Minho/ Centro de estudos humanísticos, 2000, pp. 225-226.

46 ROSENBAUM, Yudith. *Clarice e o perigo de viver*, HispanismeS [En ligne], 15 | 2020, mis en ligne le 01 juin 2020, consulté le 31 juillet 2021. URL: <http://journals.openedition.org/hispanismes/536>; DOI: <https://doi.org/10.4000/hispanismes.536>, p. 6.

obscurecem o fio que os tece neste ‘Tudo é um’<sup>47</sup>. O silêncio que ele revela é “concentração e recolhimento de todo comportamento, de maneira que este se atenha a si mesmo e, com isso, fique ligado em si e, sobretudo, exposto ao sendo, com que se relaciona e comporta”<sup>48</sup>. É a concentração e recolhimento que se mostram antes que qualquer coisa ganhe nome e, assim, venha à existência. Na concentração e recolhimento de todos os comportamentos (com os quais Ana regrara o seu dia a dia de esposa e mãe) a existência cotidiana se cala. As coisas perdem as suas determinações (os nomes), se perdem na escuridão da boca e dos olhos do cego e abre-se para ela aquilo que na vida/existência se mostra indomável e que, algumas vezes, lhe assomava à lembrança e que se confundia com a sua juventude: “uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável”<sup>49</sup>. O que há de indomável e de indizível no mundo só se revela em momentos raros, em raros estados de graça. Em uma crônica intitulada exatamente de “Estado de graça – trecho”, publicada em 06 de abril de 1968 (um ano antes da publicação de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*), Lispector nos diz:

Quem já conheceu o estado de graça reconhecerá o que vou dizer. Não me refiro à inspiração, que é uma graça especial que tantas vezes acontece aos que lidam com arte. O estado de graça de que falo não é usado para nada. É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente se existe. Neste estado, além da tranqüila felicidade que se irradia de pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve, porque na graça tudo é tão, tão leve. É uma lucidez de quem não advinha mais: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe. Não perguntem o quê, porque só posso responder do mesmo modo infantil: sem esforço, sabe-se. [...] As descobertas nesse estado são indizíveis e incomunicáveis. É por isso que, em estado de graça, mantenho-me sentada, quieta, silenciosa. É como numa anunciação. Não sendo, porém, precedida pelos anjos que, suponho, antecedem o estado de graça dos santos, é como se o anjo da vida viesse me anunciar o mundo.<sup>50</sup>

É desse estado de graça no qual o mundo se anuncia que nos fala o conto “Amor”. Ana, assim como Lispector, só pode ficar parada, em silêncio, porque tal estado não é uma escolha sua. Não é algo que ela possa querer ou recusar porque é um estado de pura gratuidade. Estado no qual ela, assim como todos os viventes que integram o Jardim

---

47 *Ibidem*, p. 7.

48 HEIDEGGER, Martin. *Ser e verdade. 1- A questão fundamental da filosofia 2 – Da essência da verdade*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 123.

49 LISPECTOR, Clarice. “Amor”. In: *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 146.

50 *idem*. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 91-92.

Botânico, se vêm em íntima conexão, no qual a própria existência se revela em toda sua nudez para Ana. Tudo o que existe, só existe a partir dessa relação, dessa interconexão que integra todas as coisas (tudo o que é) na pura existência que nos é conferida pela linguagem, que nos é conferida pelo indizível do mundo.

Daí a sabedoria do mundo que nos confere a graça apenas raramente: se experimentássemos com excessiva frequência a sua felicidade, passaríamos definitivamente para 'o outro lado da vida', e não seríamos mais entendidos, perderíamos o acesso à linguagem comum que nos permite a comunicação.<sup>51</sup>

Este estado de graça pode ser igualado a uma espécie de tropismo no qual, ao responder ao estímulo do crescimento e manutenção da existência, tudo o que é vivo tende em direção àquilo que alimenta essa mesma vida. Segundo Pessanha:

O tropismo que leva as raízes a se aprofundarem no solo — a obra de Clarice mergulhando na noite do não intelectualismo, na noite da pobreza de espírito — bem que pode ser, apenas, disfarçada vocação para a luz. A plena luz do meio dia, que castiga<sup>52</sup>.

A luz que castiga, a luz do meio dia que, se encarada, tem a capacidade de nos cegar, no conto emerge como a escuridão dos olhos arregalados do cego. Ana, para fugir dessa luz que castiga (luz que tanto alimenta a superfície de suas lides diárias como nessa mesma superfície se esconde), retorna para a segurança daquilo que lhe é familiar.

Ana volta para casa, após a aventura do Jardim Botânico, não mais suscetível ao chamado periclitante do cego, aparentemente se conformando à sua realidade doméstica, burguesa, menor e conservadora. Nada então ocorreu? E, no entanto, tudo ocorreu. "O que faria se seguisse o chamado do cego?" A que se opõe o chamado do filho de Ana: "Tenho medo." Já em casa pergunta-se: "O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? [...] Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago." E a frase que condensa os dois mundos: "O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico." Prova disso: o estouro do fogão, o marido deixou ferver o leite, marca da "moral do jardim" no interior de sua casa, transposição do alargamento do mundo para a forma exígua do apartamento.<sup>53</sup>

---

51 PENNA, João Camilo. *Op.cit.*, p. 82.

52 PESSANHA, José Américo Motta. *Clarice Lispector, o itinerário de uma paixão*. Remate de Males, Revista do Departamento de Teoria Literária. UNICAMP: Campinas, (9): 182-198, 1989, p. 195, 196.

53 PENNA, João Camilo. *Op.cit.*, p. 91.

## Considerações finais

Não se pode ler os escritos de Lispector impunemente, porque eles nos lançam em uma experiência radical, na qual a existência é posta em questão. Fundamentalmente, a existência dela como escritora é, como tal, uma existência que se realiza na linguagem. Não a linguagem cotidiana que serve às necessidades da comunicação, mas a linguagem na qual radica o ser e da qual se origina todo e qualquer existente. Segundo Sousa, “Clarice encontra-se do lado desses autores que vivem a escrita no mergulho que não deixa intervalo e os torna a própria escrita. A literatura é desencadeada num processo em que a vida é participante geradora de um território entre territórios”<sup>54</sup>. Nos escritos de Lispector, a linguagem é exposta em sua nudez e, com ela, é exposta a condição humana: a de não ser nem luz, nem trevas – mas lusco-fusco; de não ser nem dentro (de uma vida controlada e certa), nem fora (na pura exposição da linguagem que nos concede a existência) – mas, em ser *entre* uma realidade e outra. É disso que nos fala o final do conto “Amor”. Ana retorna para casa, mas leva com ela, segundo Penna, “a moral do jardim”<sup>55</sup>. Os barulhos da casa, também o leite fervido, apontam (mesmo dentro da pretensa segurança do seu cotidiano) para o que não pode ser retido, para o que não pode ser apaziguado. Mesmo que esse cotidiano tente afastá-la do “perigo de viver”<sup>56</sup>, esse perigo se mantém latente no espaço exíguo do seu apartamento<sup>57</sup>.

## Referências bibliográficas

CICERO, Antônio. *Guardar: poemas escolhidos*. 3º ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ser e Verdade*. 1- *A questão fundamental da filosofia* 2 – *Da essência da*

54 SOUSA, Carlos Mendes de. *A revelação do nome*. In: Cadernos de literatura brasileira-Clarice Lispector. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004, pp. 140-190.

55 PENNA, João Camilo. *Op.cit.*, p. 91.

56 LISPECTOR, Clarice. “Amor”. In: *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 155.

57 PENNA, João Camilo. *Op.cit.*, p.91.

*verdade*. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*; tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, [1927] 2015.

\_\_\_\_\_. *...Poeticamente o homem habita....* Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa. Ed. Passagens. 1995.

\_\_\_\_\_. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

HESÍODO. “Teogonia”. São Paulo: Iluminuras, 1995.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Ed. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. “Amor”. In: *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016 – p.p. 145-155

\_\_\_\_\_. “A paixão segundo G.H”. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

NUNES, BENEDITO. “A narração desarvorada”. In: *Cadernos de literatura brasileira – Clarice Lispector*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004 – p.p 292-301.

\_\_\_\_\_. “Náusea”. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969-p.p93-102.

\_\_\_\_\_. “A experiência mística de G.H”. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969-p.p 103-112.

\_\_\_\_\_. “A estrutura dos personagens”. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969-p.p 113-119.

\_\_\_\_\_. “A existência absurda”. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969-p.p 121-127.

\_\_\_\_\_. “Linguagem e silêncio”. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969-p.p129-139.

PENNA, João Camilo. *O nu de Clarice Lispector*. Alea Volume 12 Número 1 Janeiro-Junho 2010.

PESSANHA, José Américo Motta, *Clarice Lispector, o itinerário de uma paixão. Remate de Males*, Revista do Departamento de Teoria Literária. UNICAMP: Campinas, (9): 182-198, 1989.

PESSOA, Fernando Mendes. “Da linguagem, poesia e pensamento”. *UFKLÄRUNG*, João Pessoa, v.4, pp.31 – 36, setembro, 2017

SOUSA, Carlos Mendes de. “Clarice Lispector – Figuras da Escrita”. Minho: Universidade do Minho/ Centro de estudos humanísticos, 2000.

RIBEIRO, Glória Maria Ferreira  
JUNIOR, Gilson Dionisio da Silva  
“Amor” - nas cercanias da linguagem

\_\_\_\_\_. “A revelação do nome”. In: *Cadernos de literatura brasileira-Clarice Lispector*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004 - p.p 140-190.

ROSENBAUM, Yudith. “No território das pulsões”. IN: *Cadernos de Literatura Brasileira-Clarice Lispector*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004 – p.p 261-279.

\_\_\_\_\_, “Clarice e o perigo de viver”, *HispanismeS*[Enligne], 15 | 2020, mis en ligne le 01 juin 2020, consulte le 31 juillet 2021. URL: <http://journals.openedition.org/hispanismes/536>; DOI: <https://doi.org/10.4000/hispanismes.536>

Recebido em: julho de 2021  
Aprovado em: setembro de 2021